

O CORPO E O PROFESSOR DE TEMPO INTEGRAL

BODY AND FULL-TIME TEACHER

Natália Papacídero Magrin¹; Marina Melo Cintra² e Wagner Wey Moreira³

RESUMO

Este estudo teve por objetivo identificar, no discurso de professores atuantes no 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Tempo Integral do município de Uberaba/MG, as concepções de corpo/corporeidade. A pesquisa foi realizada em Uma Escola Estadual de Tempo Integral do município de Uberaba/MG, na qual mediante autorização da direção foram contatadas 4 professoras regentes de turma e responsáveis pelo processo de escolarização no quinto ano do Ensino Fundamental da escola em questão. A técnica escolhida para este estudo foi a entrevista estrutura e a interpretação dos dados realizada pela Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, proposta por Moreira, Simões, Porto (2005). A maioria diz ser o corpo um conjunto de órgãos e membros, e trabalham o corpo do aluno apenas na teoria ou com música e desenhos. Consideramos que a maioria das professoras entrevistadas ainda apresenta uma visão cartesiana do corpo

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Educação Integral. Tempo Integral.

ABSTRACT

This study aimed to identify, in the discourse of teachers working in the 5th year of elementary school in a Full-Time School in the city of Uberaba / MG, the conceptions of body / corporeality. The survey was conducted in a Full-Time State School in the city of Uberaba / MG, in which the authorization of the direction were contacted 4 regents teachers class and responsible for the educational process in the fifth year of school Elementary school in question. The technique chosen for this study was the interview structure and interpretation of data carried out by the Technical Drafting and Analysis of Meaning Units proposed by Moreira, Simões, Porto (2005). Most say the body is a set of organs and limbs, and work the body of the student only in theory or music and drawings. We believe that most of the interviewed teachers also presents a Cartesian view of the body.

KEYWORDS: Body. Integral.Education. Full-time.

INTRODUÇÃO

Iniciamos este estudo com a indagação de Moreira (2014, p.187), que nos lembra o sentindo de educar-se, nos colocando a viver e perceber o mundo, e questiona: “A escola em tempo integral está preocupada com o como eu percebo o mundo, como eu me percebo, como eu me relaciono com o conhecimento apresentado em sala de aula?” Pois bem, este é nosso ponto de partida.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: natimagrin@hotmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: marinamcintra@hotmail.com

³ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: weymoreira@uol.com.br

Entender o processo do ensino integral nos permite também entender o corpo como agente fundamental da escolarização, quais estímulos os colocam a pensar, sentir e agir de acordo com a corporeidade.

Ao longo deste estudo apresentaremos o trato do corpo por diferentes perspectivas, bem como possibilidades para novos olhares, seguindo pelos caminhos da fenomenologia em busca de um corpo sensível e íntegro em sua corporeidade. Com estes pensamentos atrelados ao olhar educacional nos surgiu à inquietação para o trato do corpo em ambientes de educação integral, para como o corpo é tratado nas escolas de Tempo Integral.

Durante esta investigação foi necessário colocar o fenômeno em suspensão e analisá-lo de acordo com a fenomenologia, identificando e descrevendo os fenômenos a fim de alcançar detalhes, percepções e nuances acerca do corpo no ensino integral.

É sabido que a fenomenologia não se trata de um simples método científico, e que sua razão se dá a partir da atitude dos pesquisadores, com os desfechos de suas investigações e ao “desvelar o fenômeno de forma que aos poucos este se revele diante os olhos do mesmo.” (SILVA, 2014, p. 60).

Passamos a entender a Educação enquanto um fenômeno e assim de acordo com Moreira et al (2014, p. 185) afirmamos “que ela é uma experiência profundamente humana”, e portanto qualquer indivíduo está debaixo do fenômeno educacional.

Não afirmamos aqui que a pesquisa pautada na fenomenologia baseie-se apenas em experiências e despreze construções teóricas, em absoluto, a teorização fenomenológica não estrutura-se no racionalismo, mas sim na interpretação, tendo-a como opção epistemológica, assim como as experiências vividas, em suas teorias (NÓBREGA, 2010).

Ciente de que “corporeidade, educação e humanismo devem constituir a estrutura básica de toda a ação pedagógica no interior da escola” (MOREIRA, 2014, p. 194) e que para mensurar estes fatores é necessário um olhar consciente para o fenômeno, desenhou-se o problema desta investigação. Objetivando identificar, no discurso de professores atuantes no 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Tempo Integral do município de Uberaba/MG, as concepções de corpo/corporeidade.

Embasaremos esta discussão por duas grandes temáticas, a do Corpo/Corporeidade ao longo da sociedade e do processo educacional, perpassando por fatos históricos que marcaram o trato do corpo, sua valorização e exposição social, sua existencialidade e o processo de escolarização ao qual é submetido.

O CORPO

Para chegarmos ao trato do corpo integral faz-se necessário trilharmos alguns dos caminhos pelos quais o corpo percorreu no desenvolvimento da sociedade e seus reflexos para com a educação. Desde seu processo de fragmentação em busca do conhecimento até a perda de sua integralidade, passando a ser visto em partes e muitas vezes associando ao funcionamento de máquinas passíveis de reparos e substituições.

Bento, Moreira (2012 p. 120) questionam “Quais as consequências disto?” e afirmam: “Um corpo máquina, pertencente ao domínio do intelecto cuja função é de discriminar, medir e classificar. Máquina imperfeita que deve ser reparada, azeitada/oleada em seu funcionamento, classificada com os padrões de bom, regular e deficiente”.

Se lembrarmos das culturas primitivas, tínhamos corpos inconscientes de sua interação com o mundo e outros corpos, sem reflexão de sua individualidade e percepção da corporeidade (GALLO, 2012).

Mais adiante, iniciada a atividade reflexiva, o homem passa a integrar sua individualidade, e com os pensamentos de Sócrates a identificar-se enquanto homem e sua posição perante aos outros, aqui já sendo possível identificar a fragmentação entre corpo e alma, que se consolida com as ideias platônicas, nas quais a alma assume o posto de imortal, pura e sábia, já ao corpo parece estar destinado à impureza, à mortalidade e o pecado.

Com a ascensão do cristianismo temos fortemente reforçada a concepção dualista do homem, com uma espécie de contraponto entre o bem e o mal, imperando um corpo corrupto, pecaminoso, por vezes visto como a prisão da alma, retomando a célebre frase de Platão, que apontava o corpo como sendo “o cárcere da alma”.

Temos um corpo dicotomizado entre alma e carne, estabelecendo o físico em função do intelecto e assim priorizando o ensino para a cabeça, aprisionando corpos em nome da disciplina. “É transformando a totalidade que se transformam as partes, e não o contrário”. (FREIRE, 2014, p. 26).

Com a chegada da Idade Moderna e o descobrimento do corpo enquanto objeto de investigação, a ciência ganha força com os estudos anatômicos através da medicina, em busca de relações de causa e efeito nesta “máquina orgânica” como relembra Gallo (2012). Ainda assim o corpo continua desassociado da alma, quem carrega os créditos da intelectualidade e da razão, assim diferindo homens de animais (GALLO, 2012).

Chegamos a Metafísica Cartesiana, por René Descartes (1596-1650), e é inegável que este conhecimento interferiu no desenvolvimento da ciência, tornando-se também influente na educação, com a divisão entre o conhecimento lógico e o conhecimento sensível, ficando claro que a verdade só é legítima se provinda de atos da inteligência, deslegitimando assim atos de intuição e dedução (NÓBREGA, 2005).

Este dualismo fortaleceu ainda mais o pensamento do homem-máquina, “observamos o início de uma substituição do Ser e de suas experiências da vida [...] por mecanismos implantados em nós” (NOVAES, 2003, p. 8), nos levando a questionarmos se ainda somos Seres Humanos.

Chegamos à era do corpo vivido, este novo pensamento trás mudanças que devem provocar a quebra de um paradigma, o Paradigma Cartesiano, abandonando a dicotomia tradicional entre corpo e mente, sensível e inteligível. Porém isto não significa o abandono ou a negação do pensamento, pois o corpo vivido consolida a ação, atrelando o ato de pensar a sua própria história (MOREIRA, 2005).

Temos aqui uma modificação na relação entre pensamento e corpo, podendo assumir o corpo vivido, sem preconceitos, com ousadia e paixão em busca da constante autossuperação (MOREIRA, 2005).

Colocamos então a experiência do corpo vivido como referência para as sistematizações teóricas em que encontramos, rompendo com o tradicionalismo imposto pela modernidade: o raciocínio, substituindo radicalmente a razão suprema pelas vivências, amparados aqui pela Fenomenologia (NÓBREGA, 2010).

Para Regis de Moraes (2010), não há, no momento em que vivemos tema que possibilite maior crescimento reflexivo e prático que a corporeidade, pois desde camadas dominadas até camadas dominadoras de nossa sociedade, das mais simples as mais complexas situações, há a vivência do corpo.

O termo corporeidade é algo abrangente, que ultrapassa as concepções de consciência corporal ou consciência do corpo, é a unidade mente-corpo. Se adotarmos uma perspectiva fenomenológica entenderemos que a dimensão essencial só faz sentido se aliada à dimensão existencial, ou seja, ao mundo vivido, sendo a essência e a existência faces de um mesmo fenômeno: o ser humano (NÓBREGA, 2010).

É como a composição de uma teia, a corporeidade não se restringe à matéria corporal, enquanto órgãos e membros, nem a fisiologia enquanto micro partículas de um sistema, nem a cultura ou a signos, e sim a tudo, a complexidade unitária do corpo humano. Como um

processo de aprendizagem, que vai estabelecendo hábitos e se ampliando pelo espaço, possibilitando sua manifestação (CARBINATTO, MOREIRA, 2006).

A EDUCAÇÃO

O corpo como enfoque educacional foi talvez quem sofrera o maior dos abandonos, ficando subordinado a mente em nome da educação para a cabeça, muitas vezes apenas visto como uma máquina de escrever capaz de reproduzir no papel aquilo que era reproduzido nos quadros negros pela figura dos professores.

Em nome da disciplina, em prol do silêncio, a favor da ordem, em cumprimento as regras, são as mais diversas justificativas para a imobilidade violenta, como descreve Freire (2005) a que são submetidos os corpos das crianças. Talvez seja simplesmente para calar o corpo e impedir que sua “voz” seja ouvida.

Ou então, como diz o próprio Freire (1987) quando estabelece uma paródia entre a vida humana e uma viagem, e em determinado momento justifica esta imobilidade: “O Estado tem horror do movimento social e tende a paralisá-lo domesticando o potro selvagem do movimento humano. Professores viraram domadores e o movimento perdeu sua força transformadora” (FREIRE, 1987, p. 54).

Para Carbinatto (2014) é necessário que competências sejam mobilizadas a fim de estabelecer conceitos que permitam um efetivo ensino e aprendizagem, e o autor deste processo é o “novo” professor. Está atrelada a este processo uma prática que reforce a capacidade crítica, a curiosidade, a constante busca do aluno pelo novo conhecimento, caso contrário corre-se o risco de cair na repetição do mundo. A autora é enfática ao dizer que o “professor não esta pronto para dar respostas, mas predisposto a abrir caminhos para discussões com os alunos sobre a razão de ser de alguns saberes” (CARBINATTO, 2014, p. 207).

Neste processo devem-se levar em conta questões primordiais relacionadas aos professores, sejam quanto a sua formação ou pratica profissional, sejam de acordo com suas condições de trabalho e ação pedagógica. “Portanto apontar para a ampliação da jornada na perspectiva consagrada entre nós como *educação integral* implica pensar na inserção docente [...]” (MOLL, 2014, p.18).

Moreira et al (2014) afirma que para se superar os desafios hoje presentes no campo educacional é necessário primeiramente a superação do saber científico fragmentado,

compartimentado e superespecializado, o que implica no desenvolvimento de teorias, ora não consagradas pela tradição cartesiana, mas que por sua vez reconhecem o saber como unitário.

MÉTODOS/PESQUISA DE CAMPO

Local e Sujeitos da Pesquisa

Uma Escola Estadual de Tempo Integral do município de Uberaba/MG, na qual mediante autorização da direção foram contatadas 4 professoras regentes de turma e responsáveis pelo processo de escolarização no quinto ano do Ensino Fundamental da escola em questão.

Para seleção da amostra foram adotados os seguintes critérios:

1. Ser professor regente de turma;
2. Trabalhar nesta Escola de Ensino Integral;
3. Atuar do 5º ano do ensino fundamental.

Instrumentos de Pesquisa

A técnica escolhida para este estudo foi a entrevista estrutura, procedimento este comumente utilizado nas pesquisas qualitativas, estando o pesquisador de posse de roteiro pré-elaborado e testado previamente, com as seguintes questões: O que é corpo pra você? Como você trabalha o corpo do aluno?

A princípio foi apresentado o estudo ao entrevistado, esclarecendo os objetivos e percursos da pesquisa, bem como será realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para posterior assinatura em caso de concordância com os termos expostos.

A entrevista foi registrada em áudio. Com o gravador de áudio da marca *SONY*, modelo DVR 800III.

Análise dos Dados

Nesta pesquisa foi utilizado para interpretação dos dados a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, proposta por Moreira, Simões, Porto (2005). A qual consiste em três momentos: a descrição – relato ingênuo – momento em que, através da

entrevista gravada e das impressões anotadas a pesquisadora busca o entendimento do discurso do sujeito norteado por perguntas geradoras.

Comitê de Ética

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro sob o número 2.648, no qual consta a autorização para a realização do estudo desde que os participantes concordem com sua inclusão a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra representa a totalidade de professores (4 professoras regentes de turma do 5.º ano do ensino fundamental) com as características pré-estabelecidas nesta escola. Sendo que a maioria possui graduação em Pedagogia, e a média de tempo no magistério é de 11,5 anos, na Tabela 1 consta a caracterização completa da amostra.

Tabela 1. Caracterização da Amostra

Sujeitos	Graduação		Pós Graduação	Tempo de Magistério	Curso Mais Educação/UFTM
	Completa	Incompleta			
P1	Pedagogia		Educação de Jovens e Adultos	16 anos	Sim
P2	Pedagogia			16 anos	Não
P3	Pedagogia e Licenciatura Ciências Biológicas		Alfabetização e Letramento	10 anos	Sim
P4		Pedagogia		04 anos	Não

Fonte: Do Autor

Observamos na tabela duas professoras preocupadas com a formação continuada, sendo que estas além de seus cursos de pós-graduação cursaram as Oficinas do Programa Mais Educação, realizadas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro com enfoque na educação integral em tempo integral.

Quando as professoras foram questionadas a cerca de suas concepções de corpo, a partir da pergunta: O que é corpo pra você? As respostas foram distintas, podendo observar concepções cartesianistas e concepções integralistas bem como contradições nos discursos. A tabela 2 apresenta as unidades de significado destacadas.

Tabela2. O que é corpo para você?

Sujeitos Unidades	P1	P2	P3	P4	Total
Órgãos/Membros		x	x	x	03
Ponto de Partida	x		x		02
Interação	x				01
Espírito		x			01
Instrumento de Trabalho				x	01

Fonte: Do autor.

Nota-se no quadro maior frequência de respostas para uma unidade predominantemente cartesiana, a “Órgãos/Membros” (75%) ilustrada no discurso de P4 como “*o conjunto ai dos nossos órgãos, membros [...]*” apontando para uma fragmentação do corpo, o qual é concebido em partes, dicotomizado entre unidade pensante, física e espiritual. Ainda como unidades que remetem ao cartesianismo temos “Espírito” presente no discurso de P2 “*eu tenho o corpo físico né, que você tem contato, que se [...] sente, toca e o espiritual também, [...] que é onde a gente descansa...*”. Como última unidade cartesiana temos “Instrumento de Trabalho” que se remete a associação do homem as máquinas, ao corpo como ferramenta de produção, P4 elucida com clareza esta concepção “*corpo é nosso instrumento de trabalho*”.

Na sequencia temos as unidades que apontam para uma concepção integralista do corpo, como “Ponto de Partida” com a segunda maior frequência de respostas, representando 50%, e o concebendo como unidade. Nota-se tal afirmação no discurso de P2, “*o corpo pra mim é o ponto de partida de qualquer pessoa*”, e complementando esta concepção temos a unidade “Interação” ilustrada no discurso de P1, “*é a base de tudo, tudo que eu for interagir eu dependo do corpo [...]*”.

Apresentada a análise horizontal da tabela de unidades de significado, dedicamo-nos a uma avaliação vertical das concepções dos sujeitos e detectamos contradições. Vejamos o sujeito P3, ao mesmo tempo em que concebe o corpo enquanto “Ponto de Partida” para suas relações o classifica enquanto conjunto de “Órgãos/Membros”, vejamos em suas palavras “o

corpo pra mim é o ponto de partida de qualquer pessoa [...] o comando do cérebro pra mão, pra perna”.

Traçada a concepção de corpo próprio das professoras, passamos a investigar o trato destas com o corpo do aluno a partir da pergunta: Como você trabalha o corpo do aluno? Vejamos as unidades de significado na Tabela 3.

Tabela 3. Como você trabalha o corpo do aluno?

Sujeitos Unidades	P1	P2	P3	P4	Total
Desenho/ Música		x	x		2
Na teoria		x		x	2
Em tudo	x				1
Contar Dedos		x			1
Lateralidade			x		1
Não tem como		x			1

Fonte: Do autor.

Podemos dividir as unidades em 4 grandes dimensões: As professoras que trabalham com a Integralidade/Corporeidade (Unidade: “Em tudo”); as que apresentam dificuldades (Unidades: “Desenho/Música” e “Contar Dedos”); as que preocupam-se com a Motricidade (Unidade: “Lateralidade”) e as que não trabalham com o corpo do aluno (Unidades: “Na Teoria” e “Não tem como”).

Na primeira grande dimensão, descrita pela unidade “Em Tudo” apenas uma professora disse em seu discurso trabalhar o corpo de forma integral, o valorizando no processo de ensino – aprendizagem. Vejamos seu discurso (P1), *“Eu acho imprescindível, tudo que eu vou fazer eu não consigo deixar de usa-los [...] toda vez que eu trabalho com eles [...] eles absorvem muito melhor...”*.

Na segunda grande dimensão, representadas pelas unidades “Desenho/Música” sendo a mais citada (2 discursos) e “ Contar Dedos” notamos que as professoras trabalham o corpo, porem sem a consciência da integralidade, incluem o corpo no processo de ensino-aprendizagem por necessidade própria e não pela formação integral do aluno. Vejamos no discurso de P2 *“... com música né, que as vezes você tem que tocar o seu colega, uma situação de estudar o corpo humano, você desenhar o corpo do aluno[...].”* e em outro trecho quando diz: *“[...] é conta dedo, por exemplo, matemática eles precisam relacionar o concreto ai você trabalha o corpo...”*.

Encontramos professoras preocupadas com a motricidade, que dizem trabalhar o corpo enquanto unidade física. Vejamos o discurso de P3 “... *você trabalha, direita, esquerda, frente, trás, é a gente desenha o corpo no papel pardo, pra ter noção de corpo, partes do corpo, a própria noção de espaço na carteira[...]*”. Nota-se no discurso uma visão cartesiana do ser humano, na qual a professora utiliza o corpo em função do intelecto.

Também foram detectadas professores que não julgam trabalhar o corpo do aluno em suas alunas, destacadas pelas unidades “Na Teoria” e “Não tem como”, presente no discurso de P1, “[...] *eu to no 5º Ano, é mais teórico mesmo[...]*” e P4, “...*trabalha o corpo do aluno a questão do esquema corporal, questão da utilização de cada parte do corpo, é, do cuidado com o corpo [...] a importância dele onde ele esta inserido [...] porque a parte motora assim de desenvolvimento motor dele eles fazem nas oficinas*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a maioria das professoras entrevistadas ainda apresenta uma visão cartesiana do corpo, o fragmentando em partes para buscar o entendimento do todo, o que reflete diretamente em sua prática profissional ao não considerarem o corpo no processo de ensino-aprendizagem ou utiliza-lo sem reflexão de sua integralidade.

Vale ressaltar que na amostra também foi detectada uma professora com uma concepção unitária do corpo, a qual apresenta reflexão a cerca do trato do corpo e trabalha seus conteúdos com integralidade, considerando o corpo como unidade no processo de ensino-aprendizagem.

Trabalhos com maiores populações são necessários para que seja traçado o perfil do professor atuante no tempo integral, se este atua com a educação integral ou apenas em tempo integral.

REFERÊNCIAS

BENTO, Jorge Olímpio; MOREIRA, Wagner Wey. **Homo Sportivus: O humano no Homem.** Belo Horizonte. Editora Casa da Educação Física, 2012

CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para todos na escola. In: SIMÕES, Regina; BARBOSA, Juliana Bertucci, MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Escola em Tempo Integral: Linguagens e Expressões**. Uberaba, UFTM, 2014.

CARBINATTO, Michele Viviene; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo e Saúde: a religação dos saberes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 27, n.3, p. 185-200, 2006. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/82/88>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

FREIRE, João Batista. Dimensões do Corpo e da Alma. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o Corpo: e o movimento**. 2. ed. Rio de Janeiro/RJ, Sharpe, 2005.

FREIRE, João Batista. Rumo ao Universo...Do Corpo. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho (Org.) **Fundamentos Pedagógicos: Educação Física**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 36. ed. São Paulo/SP. Editora Paz e Terra, 2014.

GALLO, Silvio. **Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia**. 20. ed. Campinas/SP, Papyrus, 2012.

MOLL, Jaqueline. Mais Educação e PIBID: intersecções entre agendas estruturais para a Educação Brasileira. In: SIMÕES, Regina; BARBOSA, Juliana Bertucci; MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Escola em Tempo Integral: Linguagens e Expressões**. Uberaba, UFTM, 2014.

MOREIRA, Wagner Wey. O Fenômeno da Corporeidade: Pensado e Corpo Vivido. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.) **Pensando o Corpo: e o movimento**. 2. ed. Rio de Janeiro/RJ, Sharpe, 2005.

MOREIRA, Wagner Wey; GONÇALVES, Luiza Lana; GUIMARÃES, Alexandre Magno; GUIMARÃES, Simone Sendin Moreira; SIMÕES, Regina. Educação Integral na escola em tempo integral: fenomenologia, complexidade e corporeidade. In: SIMÕES, Regina; BARBOSA, Juliana Bertucci, MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Escola em Tempo Integral: Linguagens e Expressões**. Uberaba, UFTM, 2014.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/665/676>>. Acesso em 16 de jul. 2013.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. **Corporeidade e Educação: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2. ed. Natal, EDUFRN, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. **Uma Femomenologia do Corpo**. São Paulo, Livraria da Física, 2010.

NOVAES, Adauto. A Ciência do Corpo. In: NOVAES, Adauto (Org). **O Homem-Máquina: A ciência manipula o corpo**. São Paulo, Companhia da Letras, 2003.

REGIS DE MORAIS, João Francisco. Consciência Corporal e Dimensionamento do Futuro. In: MOREIRA, W. W (Org). **Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI**. 16. ed. Campinas. Papyrus, 2010.

SILVA, Luiza Lana Gonçalves. **Corporeidade e Educação Integral: o que dizem os sujeitos na experiência de Escola de Tempo Integral de Governador Valadares – MG**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2014.

RECEBIDO EM: 29/03/2016

APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 29/11/2016